

[PATRIMÓNIO

Velha Hemeroteca ganha rosto digital

Porque se tornava imperioso flexibilizar a consulta, pelo público, do enorme acervo da casa, a Hemeroteca Municipal de Lisboa criou a Hemeroteca Digital. Origens da imprensa portuguesa estão hoje à distancia de um clique. Em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>

© Ana Pago

Mais que a cópia pela cópia, importava facilitar o acesso do público ao imenso acervo de publicações da casa. Dar-lhe mobilidade, um uso mais flexível e abrangente. E a ideia, por ser válida, pegou: a Hemeroteca Municipal de Lisboa (HML) gerou a Hemeroteca Digital, seguidora da lógica simplificada das novas tecnologias. Hoje, em construção diária e à distância de um clique, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>, estão publicações desde as origens da imprensa periódica portuguesa à actualidade.

"A iniciativa só começou a ter andamento no Verão do ano passado, os contornos estão ainda bastante em aberto para novas sugestões e modos de fazer", explica ao DN Elisabete Rocha, uma das responsáveis pelo serviço de actividades culturais e educativas desenvolvidas no espaço do antigo palácio dos Condes de Tomar, em Lisboa.

Não sabendo se a ideia passa por digitalizar a totalidade do espólio, Elisabete Rocha salienta, contudo, a importância de os utilizadores acederem "com facilidade e rapidez" a fontes documentais seleccionadas e aos fundos local e histórico "que, no fundo, são a alma da biblioteca".

Criada em 1973 com o objectivo de preservar capítulos efémeros da história que a imprensa chamou a si, a Hemeroteca Municipal tratou de reunir todas as publicações portuguesas de que há memória. "A mais antiga que temos", conta Elisabete Rocha, "é o primeiro *Diário de Notícias*, datado de 1864. Somos o braço-direito da Biblioteca Nacional,



Encontro | Familiaridade com as publicações, especialização e actividades lúdicas fazem da casa bastião do conhecimento

mas o nosso acervo nem eles o têm".

Só em Outubro de 1974, já depois do 25 de Abril, é que a HML iria abrir as portas ao público, cultivando uma especialização única no conhecimento das publicações e desenvolvendo, mais recentemente, actividades lúdicas e culturais para aproximar os leitores da casa. O próximo destino da Hemeroteca, já confirmado, será o Palácio Relvas, em Outubro ou Novembro de 2007. Mas a mudança de espaço, garantem responsáveis e funcionários, não vai alterar em nada esta "filosofia de atracção de mais públicos". A isso se destina o café, pensado desde já para tertúlias, recitais e lançamentos de livros. Já a sala polivalente estará apta a receber exposições e conferências.

As novas velhas letras

Das muitas publicações periódicas portuguesas a transferir para o online, a HML conclui já a digitalização integral d'*A Capital*, a partir de microfilme, num projecto que exigiu o tratamento de perto de 20 mil imagens. Um novo ponto a favor da Hemeroteca Digital, que dá agora acces-

so a um dos primeiros jornais nacionais do primeiro quartel do século XX, fundado em 1910 por Manuel Guimarães e uma das pérolas das letras de forma portuguesas.

Tal como este, reitera Elisabete Rocha, "são muitos os jornais e revistas que temos aqui sem que alguém faça a mínima ideia!" Há todo um mundo por descobrir nas estantes e (agora) nos computadores. "Existem documentos raros, artigos censurados a azul, publicações únicas... é uma biblioteca específica com uma história enorme a correr desde o século XVIII até à actualidade", desfece a responsável, maravilhada, ainda hoje, com os tesouros velhos que vê ganhar novas cores a cada dia que passa. "São boas memórias." I

Próximo destino da Hemeroteca – o Palácio Relvas, em Outubro ou Novembro de 2007 – não mudará a filosofia de atracção de públicos

Exposição em papel dá a conhecer as 'Revistas de Belas-Artes do Século XX em Portugal'

Na Hemeroteca Digital, mais ousada pelo suporte em que se apoia, o mês é de homenagem ao ensaísta Jorge de Macedo – que recorda numa mostra virtual da sua obra bibliográfica e de vários artigos escritos para jornais entre 1940 e 1991. Já no átrio e na escadaria principal do Palácio dos Condes de Tomar, o espaço serve a exposição de papel, tradicional, que até ao dia 31 revisita as *Revistas de Belas-Artes do Século XX em Portugal (1901-2000)*.

"O espaço não é grande, mas dá para correr os principais movimentos de ar-



te de todo o século passado e mostrar ao público as muitas revistas que surgiram então", diz Elisabete Rocha. Responsável, desde a etapa inicial da investigação ao momento final da montagem, pela mostra que dá a conhecer o rosto envelhecido de publicações tão reputadas como a *Ilustração Portuguesa* (1903), a *Águia* (1910), *Orpheu e Portugal Futurista* (respectivamente nascidas em 1915 e 1917), a *ABC* (1920) e a *Seara Nova* (1921), a *Contemporânea*, a *Athena* e a *Presença* (1922, 1925 e 1927), *O Diabo* (1934), a *Occidente* (1938), a *Panorama* (1941), a *Vértice* e a

Variante (1942), a *Contravento* (1968) e a *Colóquio* (1971), entre muitos outros "tesouros" aninhados sob o vidro dos expositores.

"Normalmente as pessoas chegam, vêem e comentam 'Olha, afinal já se falava de arte no início do século! Não é uma coisa recente'. Ficam maravilhadas", constata a historiadora, para quem esta descoberta diária serve de motivação permanente ao seu trabalho de ligar a história às letras e à actualidade. E é da imprensa artística que aqui se fala, afinal. "Não podia haver convite mais sedutor."

OBITUÁRIO

GIANFRANCESCO GUARNIERI

Dramaturgo e estrela de televisão

O actor e dramaturgo brasileiro Gianfrancesco Guarnieri morreu ontem, aos 71 anos, vítima de cancro. Guarnieri estava internado desde o início de Junho no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, e sucumbiu a uma insuficiência renal, de acordo com o boletim clínico.

O actor foi internado na sequência de uma crise renal, quando rodava a telenovela *Belíssima*, de Sílvio de Abreu, actualmente em exibição na SIC. Era conhecido do público português pela sua participação nas telenovelas *Cambalacho* (1986), *Mulheres de Areia*, *Terra Nostra* e, mais recentemente, *Esperança*.

Nascido em Milão, a 6 de Agosto de 1934, Guarnieri escreveu mais de 20 peças de teatro, além de episódios e séries de televisão, refere o jornal *O Globo*. Era filho de um maestro e de uma harpista italiana, que emigraram com a família para o Rio de Janeiro em 1937, fugindo a perseguições políticas.

O seu último papel na TV foi Pepe, na novela *Belíssima*, mas devido ao seu internamento o tele-dramaturgo Sílvio de Abreu teve de reescrever cenas da novela, que acabou no Brasil no passado dia 7 de Julho.

Guarnieri foi autor de cerca de 25 textos, muitos deles musicais, como *Arena Conta Zumbi* (1965) e *Arena Conta Tiradentes* (1965), em co-autoria com Augusto Boal. Entre os momentos marcantes da sua carreira destaca-se o longa-metragem *Eles não Usam Black-Tie* (1981), dirigido por Leon Hirszman. I



Futebol é sempre rei no 'prime-time'

1 Futebol Benfica... (SIC)	12,5%
2 Futebol Porto... (SIC)	10,0%
3 Tempo de viver (TVI)	9,3%
4 Telejornal (RTP1)	9,0%
5 Fala-me de amor (TVI)	8,2%
6 Jornal da Tarde (RTP1)	8,1%
7 Morangos com... (TVI)	8,0%
8 Primeiro Jornal (SIC)	7,8%
9 Jornal Nacional (TVI)	7,4%
10 Belíssima (SIC)	6,9%

Share diário

RTP1	2	SIC	TVI	Cabo
21,8	7,1	29,1	26,9	15,1

Fonte: Marktest